

Comunidades Imaginadas

Nação e Nacionalismos
em África



Coordenação

Luís Reis Torgal
Fernando Tavares Pimenta
Julião Soares Sousa

Coimbra • 2008

I
IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
U

Comunidades Imaginadas

Nação e Nacionalismos
em África

Coordenação

Luís Reis Torgal
Fernando Tavares Pimenta
Julião Soares Sousa

Coimbra • 2008



COORDENAÇÃO EDITORIAL
Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensauc@ci.uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

CONCEPÇÃO GRÁFICA
António Barros

PAGINAÇÃO
Paulo Oliveira
[PMP]

EXECUÇÃO GRÁFICA
????????????????

ISBN
978-989-8074-57-7

DEPÓSITO LEGAL
????????????????????????????

OBRA PUBLICADA COM A COLABORAÇÃO DE:



OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR Portugal

Apoio do Programa Operacional Ciência, Tecnologia, Inovação
do Quadro Comunitário de Apoio III

MARCAS DE NACIONALISMO NA POESIA DE ALDA ESPÍRITO SANTO

Pondo de parte pesados pressupostos teóricos de suporte, vou falar da poesia de Alda Espírito Santo, neste contexto de *Comunidades Imaginadas*, sob o título desta apresentação: *A autora do hino nacional de S. Tomé e Príncipe. Marcas de nacionalismo na poesia de Alda Espírito Santo*.

Da palavra feita poema, poema fruto do sonho, de um sonho comum, floriram nações, de Cabo Verde a Timor... E Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe e Angola e Moçambique...

E floriram nações, porque nunca se calou o sentir de poetas que fizeram da poesia arma primeira e bandeira: Abílio Duarte, Amílcar Cabral, Vasco Cabral, Francisco José Tenreiro, Tomás Medeiros, Viriato da Cruz, Agostinho Neto, Samora Machel, Xanana Gusmão...

E lembrando mulheres, também o sentir de Alda Lara e Noémia de Sousa e Maria Manuela Margarido e Alda Espírito Santo passou a palavra, caminhou outros sentires, fez-se *poesia de fazer florir nações*...

Alda Espírito Santo, mulher são-tomense, *poetisa do meio do mundo* (como a própria se diz) para o mundo todo, e para o nosso agora, por via deste encontro aqui.

Alda Neves Graça do Espírito Santo, Presidente da União Nacional dos Escritores e Artistas de S. Tomé e Príncipe (UNEAS), desde 1987, nasceu na Ilha de S. Tomé, a 30 de Abril de 1926. Seu pai, João Graça do Espírito Santo, muito novo partiu sem torna-viagem, frequentava ela o sétimo ano dos Liceus, e não tinha ainda completado dezoito anos. Foi a mãe, Dona Maria de Jesus Agostinho das Neves, professora primária, *alma de elite são-tomense*, cidadã de enorme coragem, exemplo marcante para gerações sucessivas, que lutou ao lado de outros forros e com eles foi presa, na sequência do designado *massacre de 3 de Fevereiro de 1953*. Foi a mãe, dizia, que ficou com a responsabilidade da educação de cinco filhos. Dona Maria de Jesus já partiu lá para onde os infinitos se tocam, era dia 18 de Novembro de 2001, a oito meses de um século de vida inteira, feita de causas, de valores, de força, de constância e de sabedoria.

Considerando que não se passa impunemente por nada nem por ninguém na vida, é meu entendimento que estas circunstâncias familiares podem ter condicionado decisivamente o percurso de vida de Alda Espírito Santo, a começar pela formação

Meu irmão identificado
Na luta pelo pão de teus filhos
Vais erguer em rebelião ardente
A tua bandeira vitoriosa

Porém, confessa *uma lacuna amarga* que é não saber: *o nosso crioulo cantante/Bebido com o leite dos nossos primeiros dias*, o que a obriga a *buscar um idioma emprestado* para conversar com: *as minhas irmãs lavadeiras, vendedeiras, partidoras de caroço, séculos de servidão e miséria, de roda das cartas escritas por outrem... e nós não sabemos ler e o nosso filho morreu/Roído pela febre...*

Esse *idioma emprestado*, não é desmerecimento, e *dá flor* em todas as palavras que escorrem das suas *mãos cor de barro dos nossos campos*, só que não é a língua da fala de alguns daqueles de quem é, por missão assumida, porta-voz. E tanto parece doer-lhe.

Claro que também a língua, a par do hino e da bandeira, é símbolo de qualquer nação! Mas a língua portuguesa e não a *santomé*, o forro, é língua sua, e de mais duzentos milhões que a falam, em diferentes melodias, desde a barriga da mãe.

Dessa *língua emprestada*, disse Amílcar Cabral, notável líder africano, fundador do partido que conduziu a Guiné e Cabo Verde à independência, o PAIGC, e amigo de Alda Espírito Santo: “*A Língua Portuguesa é a melhor herança que os portugueses nos deixaram*”.

Dizer de marcas de nacionalismo em Alda Espírito Santo é pouco, porquanto em toda a sua obra literária e nomeadamente na poesia, cada fonema, cada palavra, cada verso, celebra o amor ao seu *solo sagrado* que, no *Hino Nacional é: país soberano de S. Tomé e Príncipe, Pátria Imortal e nação mais ditosa da terra*, fazendo sempre apelo a uma consequente intervenção política, que remonta à sua juventude, quer enquanto estudante em Portugal, quer já em S. Tomé, depois de formada pelo Magistério Primário de Lisboa, onde, por razões económicas ingressou, após ter concluído o 7º ano dos Liceus, no Porto, quer depois da independência de S. Tomé e Príncipe, a 12 de Julho de 1975 (foi Ministra da Informação e Cultura e Presidente da Assembleia Nacional Popular), até ao presente, com quase oitenta e dois anos...

Alda Espírito Santo fez parte da *Casa dos Estudantes do Império*, sediada em Lisboa, tendo convivido com outros jovens africanos esclarecidos: Francisco José Tenreiro (sãotomense); Noémia de Sousa (moçambicana); Amílcar Cabral (guineense); Agostinho Neto, Alexandre Dáskalos, também poetas, bem como Mário Pinto de Andrade e Sócrates Dáskalos, da *utopia angolana*, todos já *partidos da vida presente*.

A Amílcar Cabral (Engenheiro Agrónomo, formado Pelo Instituto Superior de Agronomia de Lisboa, em 1951) dedica *Página do livro de curso*, poema de quarenta e sete versos, distribuídos por onze estrofes, que falam de África. África que é *terra, mar, choro, sonho, e sonho de poeta, esperança, sorriso, lira, canto...*

E que remata deste modo:

P’ra você eu deixo o canto da Terra
Esse cantar de esperança...
Deixo-o em busca
Da mensagem da Raça

E mais tarde, a 20 de Janeiro de 1973, dia da morte de Amílcar Cabral, em Conakry, escreve *Requiem para Amílcar Cabral*, e implora à *terra bem-amada* que chore o seu *filho bem-amado, o Guevara de África*.

E à mãe de Amílcar, pede, rematando o poema:

Não chores mãe Iva
A terra de África inteira
De pé
A teu lado
Saúda a figura gigante
Do Grande Líder
Da África Ocidental

Terra bem-amada
O sangue do herói
Será transfusão
Nos anais da tua história

E em carta, no tempo em que a Agostinho Neto se encontrava *deportado* em Cabo Verde, Alda Espírito Santo escrevia em *Uma resposta ao amigo distante em Cabo Verde*, poema hoje publicado:

Amigo, irmão, eu estarei sempre contigo
Escrevo para ti estas palavras...
Não sei se as lerás...
Mas é Fevereiro aqui e desterro junto de ti...
Mas nós cantaremos, irmão
O hino da nossa esperança.

Na linha daquilo que vou designar por *estética do nacionalismo de Alda Espírito Santo*, alicerçada no sonho, na esperança e na liberdade, há ideias e conteúdos semânticos recorrentes na poesia de enraizamento nas *Ilhas do fim do Mundo*, as *ilhas de nome santo* (S. Tomé e Santo António), na *casa da pátria do povo*, no *solo sagrado da terra*, o *chão nacional* de Alda Espírito Santo, sendo de distinguir temas que evidenciam uma inquietação constante: *o massacre de 53*, *independência total*, das palavras do *hino nacional*, *terra livre*, *heróis nacionais*, em quem os são-tomenses buscam amadamente a sua identidade: Yon Gato e Amador, símbolos da resistência ao colonizador que, diz-se, terá começado logo nos finais do século XVI (1595), com Amador, rei dos angolares, ou mesmo antes, com o próprio Yon Gato, em 1530, há quem adiante. E o seu herói de discurso poético, Marcelo da Veiga (30/10/1892-2/10/1992), que quis homenagear com *O Príncipe Poeta de Omomó*, texto concebido para ser dramatizado por crianças, na véspera do dia em que o Poeta completaria cem anos (morreu a três semanas dessa data).

Para a poesia traz também, em referência, outros nomes da consciência histórica universal, heróis do mundo, que deram e outros que ainda emprestam a sua vida a causas maiores: Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Ben Bella, Camões, Cangolo, Carlos

Drummond de Andrade, Aimé Césaire, Che Guevara, Cheik Anta Diop, Eduardo Mondlane, Flora Gomes, Giovanni, João Cabral de Melo Neto, Jorge Amado, José Craveirinha, José Saramago, Justino, Kwame N’Krumah, Mamã Catxina, Mé Chinja, Nelson Mandela, Nuno Xavier, Octávio Paz, Patrice Lumumba, Pepetela, Ruivo, Salustino Espírito Santo, Salvador Allende, Sekou Touré, Sophia Andersen, Xanana Gusmão... enfim, um desfile de nomes soantes, na senda do engrandecimento das suas pátrias e do seu povo.

Igualmente canta a *juventude* e elege as *amizades de matriz patriótica*, que remontavam aos *anos da juventude, o tempo dos estudos, o tempo do sonho da sua África dignificada*, o tempo de *ter um sonho*, como Luther King, o tempo da *Casa dos Estudantes do Império*, em Lisboa: Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Marcelino dos Santos, Mário Pinto de Andrade e Noémia de Sousa (falecida a 4 de Dezembro de 2002), a sua *amiga e irmã Nini*, a *companheira do Centro dos Estudos Africanos*, que promovia a alfabetização dos *embarcadiços africanos do Clube Marítimo*, em Algés, onde residia.

A Noémia de Sousa, pôde também Alda Espírito Santo consagrar a sua *dor-afecto*, eu diria, parafraseando o poeta cabo-verdiano, Osvaldo Osório, terminando deste modo o texto:

Para a minha irmã Nini, o epíteto carinhoso legado pelos seus familiares mais próximos, eu também o reivindico, na amizade e companheirismo dessa querida amiga e saudosa grande, grande mulher da pátria de Marcelino, Samora, Josina, Mondlane e da escritora de proa, Paulina Chiziane.

E Agostinho Neto (1922-1979), o seu grande amigo, querendo testemunhar solidariedade, dedica-lhe o poema *Massacre de S. Tomé*, datado de Fevereiro de 1953, com que Alda Espírito Santo faz a *abertura* de *Cantos do Solo Sagrado*, livro publicado em 2006, em que o discurso poético avança:

reconhecemos a razão do sacrifício dos homens
pelo amor
e pela harmonia
e pela nossa liberdade
(...)

E que o Poeta, sugestivamente, remata:

Em nós
a terra verde de São Tomé
será também a ilha do amor.

De que amor fala o Poeta? Pergunto-me.

E isto, porque subjacente a qualquer escrito de Alda Espírito Santo está o amor, um amor universal, um amor fraternal, um amor *engagé*, à medida da sua vida, inteiramente consagrada às pessoas e às coisas. Amor à medida da sua nobreza de carácter, do entusiasmo posto em todas as inúmeras causas por que lutou. Um amor de

inspiração nacionalista, de exaltação de valores patrióticos, como a liberdade, a justiça, a independência do *nosso solo sagrado da terra* (o emprego frequente do determinativo de posse, se uma ou outra vez é singular, de imediato passa a plural, à força do nós, irmanando o sentir do poeta ao sentir dos seus irmãos). Amor aos simbólicos *obôs e luchans*, cacau e café. Amor aos homens do campo que não têm campo e fazem de S. Tomé *caminhu longi*, o *caminho que devia ser perto, mas não é* (como canta a *morna cabo-verdiana*). Caminho sem regresso, *degredo de contratados*, dos contratados, escravos de uma escravatura ali abolida em 1853, que nunca ou que ainda não tiveram condições para voltar ao *chão* onde nasceram e de onde a *estiagem* e a *fome* os obrigou a partir e, na *nha terra*, poderem descansar, em descanso eterno, a sua *sôdade*...

Facto é que e o difícil seria encontrar em Alda Espírito Santo um poema não concebido por amor, mas amor vinculado causas e lutas, o mesmo acontecendo com muitos outros poetas africanos que nunca saíram da poesia de intervenção, a tal que fez *florir nações*, por essa África e mais além, como se de destino, de uma fatalidade se tratasse.

Como se o poeta perdesse a sua dignidade de *homem engagé*, como se uma vez poeta de intervenção não pudesse jamais sair dessa arquitectura e desse registo, como se fosse traição aos seus ideais ou fraqueza de poeta poder mesclar a sua poesia do patriotismo exaltado, sofrido, forjado nos desafios de uma lógica de *amor à pátria*.

Em complemento a uma temática de *função social*, a uma poesia com sentido de serviço, como preconizava Amílcar Cabral, eu gostaria de ter encontrado na poesia de Alda Espírito Santo um explícito laivozinho de um lirismo que desnudasse o eu do poeta-mulher. Mas isso não aconteceu, talvez porque a mulher tivesse relegado a sua concretização individual, projectando-se no amor à sua *pátria imortal*, incondicional e eterno, a perdurar também através da palavra escrita...

O mistério enunciado, para além de o povo afirmar que: *Nem o amor nem a luz se podem esconder*.

E o apego a S. Tomé, *a sua terra de África*, esse é amor e é luz, à evidência.

Se calhar, têm mais razão os versos do Poeta Ruy Cinatti (os poetas têm sempre razão!), em remate de poema, recolhido em *Lembranças para S. Tomé e Príncipe*:

Verdadeiro é o estado de alma
Que permanece, que não renuncia,
Como a palmeira ao fruto da árvore:
Apaziguadora melodia.

E termino com um *poema desassossegado* de Alda Espírito Santo, que alude ao sonho e reitera a esperança, apesar de um certo desencanto. Poema escrito em S. Tomé, no dia 27 de Março de 2006, *dia de eleições*, e que figura em *O Coral das Ilhas* com o título *Contratempo*, lapso de *Contraponto*:

Hoje, há oceanos em turbilhão
Nas mentes do luchan do meu país africano.

Hoje, as incertezas disparam
O marulhar de séculos conturbados
De utopias em permanente desilusão.

Hoje, não vou afogar na baía
Os percalços de vulcões em ebulição.

Hoje, a tormenta não vai romper meus sonhos
Porque creio ainda na força da esperança em desesperança.

Bibliografia

Alda Espírito Santo

1978, *É Nosso o Solo Sagrado da Terra - Poesia de Protesto e Luta*, Ulmeiro

2002, *Mataram o Rio da Minha Cidade*, Instituto Camões-Centro Cultural Português em S. Tomé e Príncipe

2003, *Mataram o Rio da Minha Cidade*, UNEAS

2006, *Mensagens do Solo Sagrado*, UNEAS

2006, *Cantos do Solo Sagrado*, UNEAS

2006, *O Coral das Ilhas*, UNEAS

2006, *Mensagens do Canto do Ossobó*, UNEAS

2008, *Tempo Universal*, UNEAS

Ruy Cinatti

1979, *Lembranças para S. Tomé e Príncipe-1972*, Universidade de Évora

